

Maré de Notícias

Bairro Maré / Rio de Janeiro - Ano 1 | nº 8 - Agosto de 2010

Saúde: falta qualidade

A Maré possui dez postos de saúde, um centro médico, uma UPA, equipes do Programa de Saúde da Família e um hospital de emergência nas proximidades. O número de unidades públicas, porém, não resolve o principal problema: a qualidade do atendimento. O *Maré de Notícias* percorreu todas as unidades do bairro e ouviu muitas reclamações dos moradores e alguns elogios. Para melhorar a situação, a Prefeitura vai investir em novas unidades, desta vez em Clínicas de Saúde da Família, apostando na prevenção. **Pág 6**

Elisângela Leite



Atendimento no posto da Vila do João

Elisângela Leite



Limpeza no Parque Ecológico: Associação iniciou a revitalização do local

Fazendo a nossa parte

O descaso do poder público e, muitas vezes, também da própria população para com os espaços de lazer nas comunidades da Maré provoca a movimentação dos moradores. No Parque Ecológico, a revitalização está começando, a cargo da Associação de Moradores. Nos Cieps Samora Machel e Elis Regina, o debate envolve moradores, profissionais de educação e representantes de instituições atuantes na favela. **Pág. 4**

Estilo de vida hip hop

Breaking, graffitis, DJs e MCs. Formado por esses quatro elementos característicos, o hip hop é um movimento cultural, também com presença forte na Maré, que promove a cidadania e o estilo de vida simples desses jovens da comunidade.

Pág. 11

Arte urbana: Parte integrante da cultura hip hop, os graffitis já conquistaram seu espaço nas cidades. Pág. 12

Elisângela Leite



A Maré vista do alto de um dos prédios do Fundão

UFRJ e Maré

Uma série de projetos estreita a relação de vizinhança entre a UFRJ e a Maré. Moradores estudam firme nos cursos pré-vestibular do bairro e cada vez mais passam a frequentar o Fundão como estudantes. A UFRJ, por sua vez, também está mais presente na favela, por meio de projetos educacionais e sociais. **Pág. 3**

Graffiti no Parque União / artistas: Rdoisó e Reis



Editorial

Em busca da conquista dos direitos sociais

Nesta 8ª edição do *Maré de Notícias*, destacamos dois direitos básicos da população, garantidos pela Constituição: saúde e lazer. Ainda que a realidade nesses dois campos não seja como desejamos, é preciso ter em mente que saúde de qualidade e espaços de lazer são direitos sociais de todo cidadão brasileiro. Aos governantes, cabe investir nessas áreas para cumprir com o seu dever; à população, cabe

contribuir para preservar os espaços públicos (leia da pág. 4 até a 8).

Também neste número, a cultura hip hop mereceu uma reportagem (pág. 11) e um ensaio fotográfico só de graffitis (pág. 12). Vale a pena conferir ainda as dicas culturais (nas páginas 9 e 10) e os serviços oferecidos pela UFRJ que vêm estreitando a relação universidade - favela, em mão dupla (pág. 3).

Por fim, gostaríamos de convidar o leitor para participar do jornal, através de sugestões, críticas e envio de material para as seções de Cartas e Espaço Aberto. Escreva para a redação: Rua Sargento Silva Nunes, 1012, Nova Holanda; e-mail: comunicacao@redesdamare.org.br; tel: 3104-3276.

Boa leitura!

CARTAS

Artistas da Maré

Alô, você aí, que lê o jornal *Maré de Notícias*! Foi o melhor presente que Deus mandou para nós. Por que falo assim? Porque já estava na hora de termos um jornal como este. Ele nos incentiva a ser os artistas da Maré. Muita gente pensa que nas comunidades só têm coisas ruins. Enganam-se. Temos muita gente boa; temos artistas, como cantores, atores, poetas e outros. Eu mesmo sou diretor, roteirista e cineasta. Tudo isso formado na Maré. Pretendo formar na Maré aulas de audiovisual, cinema e teatro; pretendo formar uma produção de atores para a realização de filmes e teatro. Tudo isso para os nossos jovens!

Marcos Silva



BOA NOTÍCIA NA EDUCAÇÃO MUNICIPAL

Menos de um ano depois do 1º Seminário de Educação da Maré, ocorrido em novembro do ano passado, na UFRJ – quando profissionais do setor debateram como melhorar a qualidade do ensino fundamental – já surgem resultados positivos. O resultado da Provinha Brasil, exame que avalia o nível de alfabetização dos alunos do 2º ano do ensino fundamental de todo o país, revelou que os estudantes da Escola Municipal Nova Holanda, na Maré,

obtiveram uma média de 9,0, ficando entre os dez melhores da rede escolar da Prefeitura. A Provinha foi aplicada no mês de abril, em 747 escolas municipais. A secretária de Educação, Claudia Costin, elogiou o desempenho. “A Nova Holanda tem ótima qualidade de ensino”, destacou.

Na outra ponta da tabela, o resultado do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem 2009) revelou que as 50 escolas fluminenses com pior avaliação são da rede estadual de ensino. O Colégio Estadual General Napion, na Maré, ficou em antepenúltimo lugar, com pontuação de 401,27. O que mostra que a mobilização também precisa atingir o ensino estadual.

Se você tem alguma informação sobre estas crianças, ligue para (21) 2286-8337 (Fundação para a Infância e Adolescência - FIA).



Wandressa Romão Valente Carolina Menezes



Douglas Teixeira Ramos

Expediente

Instituição Proponente
Redes de Desenvolvimento da Maré

Diretoria

Eblin Farage
Edson Diniz
Eliana Sousa Silva
Fernanda Gomes

Coordenadora do Setor de Comunicação
Tatiana Galvão

Instituição Parceira
Observatório de Favelas

Apoio

Ação Comunitária do Brasil
Administração do Piscinão de Ramos
Associação Comunitária Roquete Pinto
Associação de Moradores e Amigos do Conjunto Bento Ribeiro Dantas

Associação dos Moradores e Amigos do Conjunto Esperança

Associação de Moradores do Conjunto Marcílio Dias
Associação de Moradores do Conjunto Pinheiros

Associação de Moradores do Morro do Timbau

Associação de Moradores do Parque Ecológico

Associação de Moradores do Parque Habitacional da Praia de Ramos

Associação de Moradores do Parque Maré

Associação de Moradores do Parque Rubens Vaz

Associação de Moradores da Vila do João

Associação Pró-Desenvolvimento da Comunidade de Nova Holanda

Biblioteca Comunitária
Nélida Piñon

Centro de Referência de Mulheres da Maré - Carminha Rosa

Conexão G

Conjunto Habitacional Nova Maré

Conselho de Moradores da Vila dos Pinheiros

Luta pela Paz

União de Defesa e Melhoramentos do Parque Proletário da Baixa do Sapateiro

União Esportiva Vila Olímpica da Maré

Editora executiva e jornalista responsável

Silvia Noronha
(Mtb – 14.786/RJ)

Repórteres e redatores

Hélio Euclides
(Mtb – 29919/RJ)

Marianna Araujo

Rosilene Miliotti
(Estagiária)

Rosilene Ricardo
(Estagiária)

Vitor de Castro
(Mtb 30.325/RJ)

Fotógrafa

Elisângela Leite

Projeto Gráfico e diagramação

Anna Iannini

Logotipo

Monica Soffiatti
(com foto de Genilson Araújo)

Assistente gráfico

Felipe Reis

Colaboradores

Anabela Paiva,
Aydano André Mota,
Coletivo Favela em Foco,
Flávia Oliveira,
Imagens do Povo,
Marília Gonçalves.

Impressão

News Technology Gráfica
Editora Ltda

Tiragem
30.000

Redes de Desenvolvimento da Maré

Rua Sargento Silva Nunes, 1012,
Nova Holanda / Maré
CEP: 21044-242
Informações: (21) 3104.3276
(21)3105.5531
www.redesdamare.org.br
redesdamare@redesdamare.org.br

Parceiros



Remando a favor da Maré

Nós lá! Eles cá! Projetos estreitam relação de vizinhança entre UFRJ e favela

Texto: Hélio Euclides | Fotos: Elisângela Leite

A proximidade do campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com a Maré é tão visível que acabou tornando a favela conhecida em todo o país, graças à música “Alagados”, dos Paralamas do Sucesso. A inspiração de Herbert Vianna veio justamente do tempo em que ele estudava arquitetura no Fundão e passava diariamente em frente à favela. Isso foi nos anos 1980. De lá para cá, muitos outros alunos da UFRJ, que moram em outras regiões da cidade, aproveitam essa proximidade para estreitar relações com a Maré. São alunos que optam por desenvolver trabalhos nas comunidades, através de projetos financiados pela própria universidade.

Por outro lado, muitos habitantes da Maré também frequentam a UFRJ, seja estudando ou trabalhando nessa instituição. Todos os anos, dezenas de moradores frequentam cursos pré-vestibular que contribuem para que jovens e adultos da região garantam o seu direito de acesso a uma universidade pública. Um dos cursos é oferecido pela própria UFRJ e outro é desenvolvido pela Redes da Maré. “A presença de pessoas de origem popular é positiva, além de ser uma forma de a universidade cumprir o seu papel social”, observa a superintendente Acadêmica de Extensão da UFRJ, PR-5, Ana Inês Sousa, ela própria uma antiga moradora da Nova Holanda.

Na UFRJ, a Pró-Reitoria de Extensão/PR-5 tem por atribuição desenvolver programas e projetos que se relacionem com a sociedade, de modo geral. No caso das favelas, há iniciativas nas áreas de comunicação, cultura, educação, meio ambiente, saúde, trabalho, tecnologia, além de direitos humanos e acesso à justiça. Um exemplo do compromisso da UFRJ com as comunidades pobres do Rio de Janeiro foi a criação da Divisão de Integração Universidade Comunidade (Diuc). Este setor, também ligado à Pró-Reitoria de Extensão, é responsável pela articulação dos projetos dentro da universidade, a partir das diferentes unidades acadêmicas, com a perspectiva de estabelecer uma relação orgânica com as comunidades.



O campus da UFRJ observado do Morro do Timbau

Algumas iniciativas da PR-5/UFRJ na Maré

Núcleo Interdisciplinar de Ações para Cidadania (Niac) – Assessoria em Arquitetura e Urbanismo em comunidades populares; Atendimento Interdisciplinar em Psicologia, Serviço Social e Direito; e Os Direitos da Cidadania e Promoção do Acesso à Justiça – Fórum de Criminologia Crítica Aplicada.

Programa de Acesso e Permanência de Jovens de Origem Popular na Universidade Pública - Pré-Vestibular Samora Machel.

Programa de Alfabetização da UFRJ para jovens e adultos de espaços populares - Letramento Social e Escolar.

Laboratório de Inclusão Digital - Sindsprev – Rua Teixeira Ribeiro, 682/684, Parque Maré (em cima do Pexinchete).

Centro de Referência de Mulheres da Maré - Carminha Rosa (CRMM-CR) - Oficinas Sociais: Intervindo com Artes, Educação e direitos humanos; e Educação não-sexista.

“Nesse ambiente se fortalece o potencial e a formação desse aluno, além do trabalho servir como crédito (conta na carga escolar). É importante que a universidade se aproxime da sociedade”, avalia a superintendente Administrativa de Extensão, Almaísa Monteiro, de 49 anos.

Niac resolve pendências de moradores

Um exemplo de programa bem sucedido na Diuc é o Núcleo Interdisciplinar de Ações para Cidadania (Niac). O trabalho integra ações das Faculdades de Direito, Serviço Social, Psicologia e Arquitetura, e tem recebido, a cada dia, um número maior de moradores que procuram o programa para resolver pendências nessas áreas. O atendimento à população acontece na sede da DIUC, na Ilha do Fundão.

Outra iniciativa é o Programa de Alfabetização para Jovens e Adultos de espaços populares, que surgiu em resposta a demandas trazidas pelos moradores. O programa foi pioneiro na Maré e logo se estendeu para outros espaços da cidade. Já o projeto intitulado “Construindo um Processo de Escolha, Mesmo Quando ‘Escolher’ Não é um Verbo Disponível” é uma parceria voltada para a orientação vocacional dos alunos do Pré-Vestibular na região.

A faculdade de Belas Artes também está presente com o curso de extensão de desenho artístico, aberto a pessoas da comunidade com mais de 12 anos de idade. “Talento não escolhe lugar de nascer. Quem sabe no futuro esse aluno se encontre na faculdade”, projeta Nelson Macedo, coordenador do curso.

“O aluno da UFRJ recebe uma formação continuada, desenvolve pesquisas que são apresentadas em congressos e recebe uma bolsa de extensão. Desta forma a universidade garante a boa formação de seus alunos, o desenvolvimento de pesquisas e ainda o retorno à comunidade”, explica a professora Síntique de Aguiar.



Centro de Referência de Mulheres da Maré (Eliana à dir.)

SERVIÇO

- Pró-Reitoria de Extensão/PR-5 - Tel: 2598-9647 / 2598-9696 Sites: <http://www.pr5.ufrj.br/projetos.htm> e <http://www.pr5.ufrj.br/programas.htm>
- Divisão de Integração Universidade Comunidade (DIUC) Praça Jorge Machado Moreira, Prédio Anexo da PR-5 - Cidade Universitária - Ilha do Fundão - Tel: 2598-9258 / 2598-9260

Preservação

dever do Estado e do cidadão

Moradores e trabalhadores se unem em prol da conservação dos espaços públicos

Texto: Hélio Euclides | Fotos: Elisângela Leite

Assim como educação, saúde e moradia, o lazer também é um direito social no Brasil. Praças, quadras esportivas e outros locais de lazer, em muitos casos, derivam justamente da conquista deste direito por parte dos moradores. Depois de prontos, esses espaços requerem manutenção, o que é dever do poder público, porém também cabe aos usuários a preservação dos locais, por exemplo, não jogando lixo no chão e até cuidando dos equipamentos e brinquedos que, afinal, são públicos, ou seja, de todos. Quando isso não ocorre, o espaço vai se deterioran-



Abandono na quadra de Rubens Vaz



Má conservação também na Baixa do Sapateiro



Panorama da quadra do Ciep

do até ser abandonado. Na Maré diversas comunidades sofrem com a deterioração de praças, quadras e parques. Um passo para mudar essa situação foi promovido pelo Programa Interdisciplinar de Apoio às Escolas Municipais (Proinape), que lançou um planejamento de ações voltadas para a preservação do espaço público.

O Primeiro Encontro para Preservação do Espaço Público aconteceu no dia 14 de julho, marcando o início do processo de conscientização de todos, como forma de preparação para a retomada das atividades da quadra de esportes comum aos Cieps Samora Machel e Elis Regina. O evento, que envolveu uma das atividades do movimento Debate e Construção de Alternativas para Preservação do Espaço Público (Decapep), também teve como objetivo apresentar a iniciativa à comunidade. O Decapep reúne representantes de escola, de moradores e de instituições atuantes na favela, entre elas, associações de moradores do Parque Maré e da Baixa do Sapateiro, Luta pela Paz, Redes da Maré, Vila Olímpica, entre outras. “Foram realizadas sete reuniões para a criação de alternativas e utilização da quadra pelas escolas. Pretendemos que, a partir daqui, a ocupação do local seja permanente, não só para eventos”, conta a assistente social do Proinape, Luisa Viana, 26 anos, sobre a primeira ação do grupo.

“Precisamos exercer a conservação de espaços públicos, para o uso com qualidade”, afirma a diretora do Ciep Samora Machel, Lúcia Helena, de 36 anos. “Foi uma boa iniciativa para chamar atenção da comunidade para a preservação, e para mostrar aos filhos a importância da quadra, pois no final de semana não podemos garantir a conservação”, explica, por sua vez, a diretora do Ciep Elis Regina, Jussara Gomes, de 44 anos.



Quadra comum aos Cieps Samora Machel e Elis Regina destruída



Parque Ecológico já recebe intervenção da associação local

Cada um faz a sua parte

Segundo os organizadores, é fundamental que a comunidade esteja ativamente envolvida neste processo, sendo produtora e multiplicadora de uma nova cultura de preservação do espaço público na Maré. Atualmente, as praças são os locais mais prejudicados, com ausência de balanços, como na Praia de Ramos e no Conjunto Esperança; gangorras defeituosas, na Nova Holanda e Rubens Vaz; bancos quebrados, na Roquete Pinto e Marcílio Dias; alambrados arrebitados, como na Baixa do Sapateiro, e lixo acumulado, no Salsa e Merengue.

Muitas vezes jogar um papel no chão traz sérias consequências. “Nós trabalhamos a promoção da saúde, o que inclui conscientizar as pessoas para que não joguem o lixo no esgoto, com isso se evita doenças. É importante seguir essa ideia no dia a dia”, frisa a enfermeira do Posto de Saúde Samora Machel, Marilene Silva, de 38 anos.

Essa também é a opinião do auxiliar de vetores da Comlurb, Jorge Vieira, de 42 anos. “É bom conscientizar para a melhoria do saneamento básico, para o fim dos ratos que saem das caixas de esgotos e promover a união para cuidar da Maré”, recomenda.



Lixo na comunidade Salsa e Merengue

Entretanto, para que os espaços sejam preservados, tanto o cidadão como o poder público devem fazer a sua parte. “Esse evento também é para chamar atenção das autoridades públicas”, lembra o líder comunitário e coordenador da Ação Social Voluntária, Tadeu Ribeiro.

Um espaço em fase inicial de revitalização é o Parque Ecológico, onde a Associação de Moradores tomou para si esta tarefa, que também conta com diversos apoios conquistados para viabilizar as melhorias. “Quando criança, aqui era bonito. Está assim hoje não só por culpa do governo. Só nós temos esse espaço, não valorizamos os balanços e brinquedos, destruímos tudo”, revela uma moradora, de 20 anos, que, em julho, aproveitava o tempo livre para ler no parque.

O presidente da Associação do Parque Ecológico, João Cláudio, de 41 anos, acha que a mobilização é prioridade. “Antes de trazer projetos, tem que se incentivar a educação do meio ambiente, correr atrás, preservar o que é nosso”, enfatiza. A vice-presidente da associação, Cláudia Lucia, de 31 anos, diz que os eventos são necessários para promover essa união dos moradores em torno da questão. “Parte da culpa é do governo e outra da população. Tem que se conscientizar as crianças e adolescentes de que o espaço é deles, faltam atividades para isso”, conclui.

O que diz a Constituição

CAPÍTULO II - DOS DIREITOS SOCIAIS

Art. 6º. São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Seção III - DO DESPORTO

Art. 217. § 3º - O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social.

CAPÍTULO VI - DO MEIO AMBIENTE

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.



Balanço quebrado no Conjunto Esperança



Bancos destruídos na Roquete Pinto

Quantidade não é qualidade

Na Maré, moradores reclamam da qualidade do atendimento, quando conseguem ser atendidos

Texto: Hélio Euclides | Fotos: Elisângela Leite

Adivinhe o nome do local que reúne dez postos de saúde, um centro médico e uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), e mesmo assim não supre as necessidades dos moradores? Acertou quem mencionou a Maré, onde a população sofre com a qualidade e não com a quantidade de unidades existentes. Por isso, alguns moradores preferem o atendimento em lugares distantes para evitar aborrecimentos ao lado de suas residências.

Nereu Lopes, auxiliar de enfermagem e conselheiro de saúde da Área Programática 3.1 (AP-3.1), que envolve a Maré, entende as reclamações. O conselho funciona como um órgão deliberativo e fiscalizador da Prefeitura, com participação da sociedade civil. Segundo Nereu, se 70% do que foi aprovado nos conselhos locais de saúde fossem cumpridos, o Sistema Único de Saúde (SUS) estaria bem. “Apesar das muitas unidades, a saúde anda mal das pernas por diversos motivos. A rede está estrangulada, as três esferas de governo não se entendem. A culpa é da falta de reorganização, e dos políticos que transformam a saúde em mercado”, afirma.

A própria Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil percebe que pode haver melhoria. Um dos passos é a implantação de duas Clínicas da Família na Maré, uma delas no espaço do antigo Sesi Maré, que vai substituir os postos de Saúde/PACS Elis Regina e Operário Vicente Mariano, atendendo à população do Morro do Timbau, Conjunto Bento Ribeiro Dantas e Baixa do Sapateiro. A segunda será na Avenida Brasil, voltada para os moradores do Samora Machel e parte de Nova Holanda. Não há data para o início de funcionamento, mas uma delas estava prevista ainda para 2010. As clínicas funcionarão como uma expansão do Programa de Saúde da Família (PSF), com foco na prevenção.

A assessoria de comunicação da Secretaria informou que além dessa mudança – que pode incluir mais Clínicas da Família, visando alcançar a cobertura plena da população – vai investir também na capacitação e na qualificação dos profissionais.

Além dessas unidades, há ainda na região da Maré o Hospital Federal de Bonsucesso, administrado pelo governo federal. Para uma funcionária do hospital, que preferiu não ser identificada, o problema é que o SUS, há dois anos, passa por uma reformulação, sem que o usuário seja devidamente informado. “Cada um (governos federal, estadual e municipal) tem que cumprir com seu papel, o que não vem ocorrendo. A pessoa que tem uma dor quer ficar boa, mas não sabe aonde ir. E ainda têm os pacientes de outros municípios que vêm para a capital. Isso esgota o atendimento, causando filas de espera”, relata.



Entrada da UPA

Para Nereu, outro problema da saúde pública é o atendimento ainda diferenciado. “A UPA da Maré é para pobre e a de Botafogo é para rico, é outra estrutura”, frisa. Moradores concordam. “Se eu pudesse fazia um abaixo-assinado para uma nova unidade para cá, pois aquela só atende quando quer. Já fui lá umas três vezes, e não fui bem atendida, por isso agora vou na UPA de Botafogo”, reclama a moradora do Parque Maré, Silvaneide Rodrigues, de 32 anos.

Para a moradora de Marcílio Dias, Juliana da Silva, de 27 anos, o que falta é empenho por parte do poder público. “Eu trago minha criança e acho o posto daqui com atendimento ótimo. Eles fazem o que podem, o máximo. O pessoal reclama, mas os funcionários dependem do governo, que não coloca recurso para compra de material”, relata.

“Não procuro o Hospital Federal de Bonsucesso (HFB), pois lá só atendem quem está morrendo. A indicação é procurar a UPA Maré, que não têm especialistas, por isso normalmente vou à UPA da Ilha. Certa vez, fui ao Hospital Municipal Paulino Werneck, na Ilha, procurar um ortopedista, e descobri que o médico estava lendo jornal, só depois que ameacei falar com o responsável é que fui atendida”, relata uma moradora, que é profissional de saúde na Maré, de 39 anos.

Os moradores criticam principalmente a ausência de especialidades. “Ainda falta muita coisa. Na UPA da Maré não tem pediatra”, reclama a moradora da Vila do João, Ana Maria, de 38 anos. Mas, segundo a Assessoria de Comunicação da Secretaria Estadual de Saúde e Defesa Civil, a UPA da Maré de fato não tem serviço de ortopedia, mas conta, sim, com dois pediatras por plantão.



Equipe do Posto da Vila do João, unidade elogiada por moradores

Conheça os detalhes das unidades da Maré

Ainda de acordo com a assessoria de comunicação do estado, após ser medicado, o paciente deve ficar em observação de 12h a 24h, dependendo do caso. O diferencial da UPA é que, se necessário, o paciente é levado de ambulância para as unidades da Tijuca ou de Botafogo, que recebem médicos cardiologistas da Central de Monitoramento das UPAs. São eles que vão avaliar clinicamente o paciente e verificar a necessidade de procedimentos ou alta hospitalar.

A UPA foi criada para evitar a superlotação das emergências. A da Maré, sob responsabilidade do governo do estado, foi a primeira da rede, inaugurada em 30 de maio de 2007, e presta atendimento resolutivo aos pacientes acometidos por quadros agudos, atendendo das pequenas e médias emergências aos pacientes graves, até que sejam removidos para um hospital. Cada UPA tem uma ambulância de prontidão para fazer as transferências. “Não vou dizer que é ruim, mas o atendimento na UPA é demorado, nem sempre tem o que a gente procura, não resolve”, aponta o morador do Caju, Ronaldo Bernardo, de 30 anos.

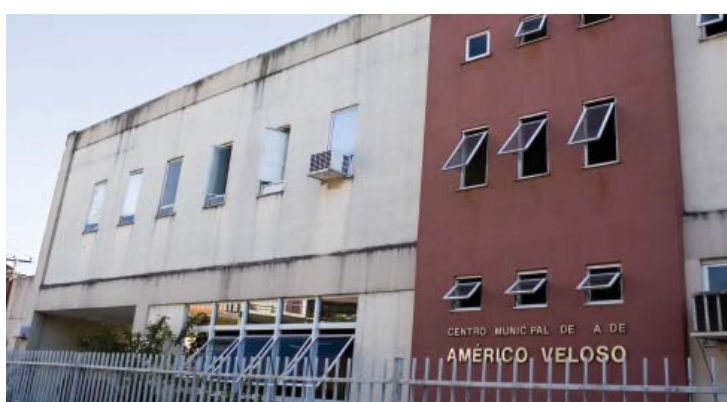
Além da UPA, os moradores da Maré podem procurar os postos, que oferecem atendimento básico (leia o box: “Raio X das unidades de saúde da Maré”, na pág. 8); ou o Centro Municipal Américo Veloso, para casos específicos. Os postos são gerenciados pela Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil em parceria com a Organização Social Viva Comunidade, do Viva Rio. “Os postinhos são terceirizados, sou a favor do serviço público, o funcionário tem o direito a fazer concurso”, diz Nereu, que discorda do modelo de gestão.

O Américo Veloso oferece suporte a todos os dez postos, centralizando as ações de Vigilância à Saúde no Subsistema Leopoldina Sul, a cobertura de aplicação de vacinas e as ações de investigações epidemiológicas nos bairros de Ramos, Olaria, Mangueiras, Maré, Alemão e Bonsucesso.

Segundo a Secretaria Municipal de Saúde, os principais fatores que levam à mortalidade na Maré são, por ordem, problemas no aparelho circulatório, neoplasia (tumores), doenças relacionadas ao aparelho respiratório e a infecções e parasitas.

Mas nem tudo são pedras no meio do caminho. Os agentes de saúde do PSF vêm trabalhando para desafogar as unidades. “No posto garimpamos as situações de pequeno porte, tiramos dúvidas. E agora tudo é marcado, acabaram as filas de madrugada, pois diagnosticamos na hora e encaminhamos, se necessário”, explica a agente de saúde Ana Lúcia, de 38 anos. Outra parte importante do trabalho são as visitas domiciliares. “Quem olha e vê a gente andando na rua, acha que não fazemos nada. O acompanhamento familiar é uma demanda do projeto. Na sua residência a pessoa se sente à vontade, continua o tratamento, e encontra na gente uma família”, analisa a agente de saúde Márcia Henrique, de 38 anos.

Outro trabalho que merece destaque é do Adolescente, do CMS Américo Veloso. O projeto de adolescentes da Maré participou do Encontro Internacional das Plataformas dos Centros Urbanos do Unicef em Brasília, sendo indicado para representar o Brasil no Encontro Pan-Americano que ocorrerá na Nicarágua.



Américo Veloso, na Praia de Ramos: mais de 13 mil atendimentos por mês

Qual a sua opinião sobre a saúde pública na Maré?



Magna e a filha: a mãe dá nota 7 para o Américo Veloso

“A saúde é um caos, porque ficamos horas nas filas. Aqui (no Américo Veloso) é bom, avalio como 70%. Falta número para pediatria, e se o problema da criança é na vista não solucionam, falam que é caso para oftalmologista, e se for no ouvido, aí é otorrino. O Hospital de Bonsucesso é ruim da portaria até os médicos.”

Magna Cavalcante, de 22 anos, da Praia de Ramos.

“Aqui no posto da Vila do João é ótimo, não tenho o que dizer daqui. Sobre a UPA só reclamo; o atendimento é péssimo e o diagnóstico errado. Não descobriram a doença dos filhos da minha vizinha da Rua Um, só em outro local que se soube que era meningite.”

Josiane da Silva, 45 anos, da Vila do João

“Frequento os postos da Vila do João, Vila do Pinheiro e esse do Salsa, e gosto por me tratarem bem. Sem esses postos não saberia viver. Numa emergência vou à UPA, onde fiquei boa de um esporão, ou procuro o Hospital de Bonsucesso. Lá tive meu filho operado e até a comida é boa. Se eu pudesse melhorar a saúde, seria só o atendimento ser mais rápido”

Neide Firmino, de 50 anos, do Salsa e Merengue.

“O atendimento é péssimo, estou esperando há três horas e meia. Venho aqui no Vicente Mariano apenas ao dentista para minha filha. Nem o Hospital de Bonsucesso presta, não tem médico. Para outra filha, na especialidade cardiologia, levo no de Laranjeiras.”

Lucilene Felix, de 26 anos, da Baixa do Sapateiro

“A UPA é razoável, o ruim é que só tem um médico para atender todo mundo. Dos postinhos não tenho o que reclamar. Já o Hospital de Bonsucesso só fui uma vez para nunca mais, a espera é bastante”

Nívia Assis, 23 anos, da Vila do João



Nívia Assis acha a UPA razoável

Raio X das unidades de saúde da Maré

- **Vila do João** – É a primeira que está sendo readequada, passando por reformas para recuperação de sua estrutura física e troca de mobiliário e material médico cirúrgico. Conta com sete equipes de Saúde da Família e duas de Saúde Bucal.
- **Salsa e Merengue** – Unidade pequena, conta com apenas duas equipes de Saúde da Família e será objeto de intervenções para ampliação de sua estrutura física.
- **Vila do Pinheiro** – Posto de Saúde Gustavo Capanema, com cinco equipes de Saúde da Família e duas de Saúde Bucal. Receberá intervenções para reforma e ampliação de sua estrutura física.
- **Operário Vicente Mariano** – Posto com Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Conta com ginecologista, pediatra e clínico geral, atendendo a população da Baixa do Sapateiro.
- **Elis Regina** – Posto com Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Conta com ginecologista, pediatra e clínico geral atendendo a população do Morro do Timbau e Conjunto Bento Ribeiro Dantas.
- **Samora Machel** – Posto com Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Conta com ginecologista, pediatra e clínico geral, atendendo a população de Parque Maré.
- **Nova Holanda** – Posto com Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Conta com ginecologista, pediatra e clínico geral.
- **Hélio Smidt** – Posto com Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Conta com ginecologista, pediatra e clínico geral, atendendo a população do Parque União.
- **14 de Julho** – Posto de Saúde da Família, em anexo ao CIEP Leonel de Moura Brizola; dispõe de três equipes de Saúde da Família e uma de Saúde Bucal que atendem a população das comunidades de Roquete Pinto e Praia de Ramos.
- **Marcílio Dias** – Posto de Saúde da Família com duas equipes que atendem às comunidades de Kelson's, Marcílio Dias e Mandacaru, implantado em galpão alugado em instalações que foram montadas pela Organização Médicos Sem Fronteiras.
- **Centro Municipal de Saúde Américo Velloso** – conta com pneumologista, gastroenterologista, dermatologista, clínico geral, ginecologista, pediatra, endocrinologista, cardiologista, sanitarista, psicólogo, nutricionista, assistente social, além de algumas especialistas em odontologia. Média de 13.266 atendimentos mensais.
- **Unidade de Pronto Atendimento (UPA)** – A UPA da Maré conta com cerca de 80 profissionais da área de assistência, que incluem médicos, assistente sociais, odontologistas, enfermeiros, técnicos de enfermagem, farmacêuticos e técnicos de radiologia, entre outros. O perfil de pacientes atendidos na unidade é de adultos e os problemas de saúde mais encontrados são hipertensão e diabetes, sendo que no período do inverno aumenta o número de casos de problemas respiratórios. Entre as crianças, a maior incidência é de atendimento a problemas gastrointestinais. A média de atendimento diário na unidade é de 300 pacientes. A UPA tem dez leitos de observação para adultos e três infantis, onde os pacientes podem ficar em observação por até 48 horas. Outra sala, a “vermelha”, com dois leitos, conta com todos os equipamentos disponíveis para receber e estabilizar pacientes em estado grave. A unidade tem também consultórios de pediatria, clínica médica e odontologia. Além disso, há salas de nebulização e medicação, sutura, raios-X e laboratório. Não tem ortopedia.

Informações e reclamações:

Telessaúde municipal – tel: 3523-4025 - dias úteis das 9h às 18h. / ou Ouvidoria: só pelo site da Prefeitura, em www.rio.rj.gov.br (clique em Ouvidoria).

Telessaúde estadual – Tel: 3523-4025.

Disque Saúde do Ministério da Saúde – Tel: 0800 61 1997.

Colunista

Rogéria Nunes*



Saúde como direito e o direito a ter saúde

O que é ter saúde? Essa é a pergunta que busco responder quando penso na saúde que temos e na saúde que queremos ter.

Se pensarmos que ter saúde se refere aos serviços de atenção básica funcionando, emergências e hospitais que atendam às necessidades de todos, a Maré realmente poderia ser considerada uma área privilegiada em nossa cidade.

No entanto, ter saúde não corresponde ao número de unidades de atendimento por habitante, senão a Maré, mais uma vez, seria um exemplo. A saúde é muito mais ampla e corresponde a fatores sociais, políticos e econômicos.

Por que a saúde na Maré não é um exemplo para a cidade se considerarmos o número de unidades e profissionais envolvidos no atendimento à população? Porque a área de saúde, por si, não dá conta da violência, das baixas condições de empregabilidade e subempregabilidade; não dá conta das incertezas, das angústias e das inquietudes de uma população que sofre com múltiplas ausências de políticas públicas, capazes de serem determinantes para que tenhamos uma qualidade de vida necessária e merecida.

A Maré tem dez unidades de atenção básica, um Centro Municipal de Saúde, dois Hospitais Federais na sua área de entorno e aí as perguntas: o que falta? Por que a população não se sente satisfeita com a oferta que possui?

Cabe-nos aqui a ousadia não de responder, mas de criar novas perguntas e provocações: qual o modelo de gestão adotado? Como são as condições de trabalho nas unidades? Quais as reais possibilidades da população cumprir as prescrições necessárias? Como se estabelece o acesso aos serviços oferecidos à população considerando as restrições de circulação imposta em sua organização socioespacial? Como a saúde se relaciona com as diferenças culturais das comunidades populares conformadas por migrantes nordestinos, mineiros e outros que trazem consigo diferentes hábitos e concepções sobre o processo saúde-doença?

Essas e muitas outras perguntas nos remetem ao distanciamento entre a prática curativa, a noção de saúde na sua integralidade e como um direito humano fundamental. Para se (co)responder ao que seja saúde na sua plenitude é necessária uma mudança de paradigma de todos os segmentos, que compreendem os profissionais, os gestores e a população.

* Coordenadora técnica do Centro de Promoção da Saúde (Cedaps)

“A área de saúde, por si, não dá conta da violência, das baixas condições de empregabilidade e subempregabilidade; não dá conta das incertezas, das angústias e das inquietudes de uma população que sofre com múltiplas ausências de políticas públicas, capazes de serem determinantes para que tenhamos uma qualidade de vida necessária e merecida.”

LONA DE PORTAS ABERTAS

Rosilene Miliotti

O evento de reabertura da Lona Cultural Municipal Herbert Vianna, na noite de 23 de julho, proporcionou o encontro de mais de 400 pessoas, entre moradores da Maré e de outros lugares do Rio. Intitulada “Lona de Portas Abertas - Samba & Feijoada”, a festa foi animada pelo cantor Renato Milagres (sobrinho de Zeca Pagodinho) e o grupo Ex-quadrilha, que embalarão a roda de samba até as 4h da manhã.

A reforma da Lona da Maré ficou pronta no dia 9 de julho, depois de cinco meses de obras. Desde 31 de dezembro, a Redes de Desenvolvimento da Maré é cogestora do local, juntamente com a Secretaria Municipal de Cultura. A próxima etapa prevê a revitalização do entorno, com melhoria dos serviços públicos, como iluminação, limpeza e conservação dos espaços próximos. Para isso, o coordenador da Lona, Alberto Aleixo, 42 anos,

“A Coordenadoria de Livro e Leitura da Prefeitura trará mensalmente a Ciranda de Histórias, que é um projeto que traz contadores de história e busca estimular o gosto pela leitura”
Alberto Aleixo

conta que estão sendo contatados órgãos como a Rioluz, Light, Comlurb, Parque e Jardins e Secretaria Municipal de Conservação e Serviços Públicos.

O trabalho da Lona Herbert Vianna conta com o apoio das associações de moradores da Maré e de outras instituições que desenvolvem ações no bairro.



Reabertura atraiu 400 pessoas de várias partes da cidade

Já na segunda quinzena deste mês de agosto terá início a nova programação de cursos e oficinas de artes. A princípio serão oito, em dois turnos. A novidade é um dia de experimentação, para que os futuros alunos tenham contato com diversas opções e possam escolher bem a oficina em que desejam ingressar. Ainda no mês de agosto, está prevista a reabertura da Biblioteca Popular Municipal Jorge Amado, que faz parte do conjunto cultural da Lona da Maré. Este espaço está sendo reequipado e ganhará novos livros e mobiliário, além da assinatura de jornais e revistas. “A Coordenadoria de Livro e Leitura da Prefeitura trará mensalmente a Ciranda de Histórias, que é um projeto que traz contadores de história e busca estimular o gosto pela leitura”, revela Alberto.

A Lona da Maré fica na Rua Ivanildo Alves, S/N - Nova Maré – Maré. Entre em contato por e-mail: lonadamare@gmail.com , telefone: 3105-6815 ou pelas redes sociais orkut e facebook. (Texto: Hélio Euclides)

Lei 10.639: você sabe o que isso tem a ver com você?

Você sabe o que é um **calango**? Já tomou água em uma **moringa**? Faltou aula por conta de uma **ziquizira**? Conhece algum **tribufu**? Gosta de **farofa**? Manda flores para **lemanjá** no dia 31 de dezembro? Todas essas palavras mostram a presença da cultura africana e fazem parte da nossa memória, do nosso cotidiano. Aqui no Brasil, podemos constatar esta influência no vocabulário, nas roupas, na alimentação, na crença, nos traços físicos e na comunidade onde moramos. Mas e a escola? O que nos ensina sobre a história da África e sobre a cultura afro-brasileira?

A contribuição da cultura africana no Brasil é tão importante que uma lei (Lei 10.639) foi criada para orientar as escolas a incluírem aulas sobre história e cultura afro-brasileira na grade curricular de todos os estudantes de ensino fundamental e médio. Aprovada em 9 de janeiro de 2003, a recomendação foi um grande passo para combater o racismo e levar as crianças e adolescentes a conhecerem mais sobre os heróis negros, sobre as religiões de matriz africana e sobre a contribuição desses povos para a construção e desenvolvimento do país ao longo dos séculos.

Veja o que está escrito na Lei:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

«Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Como participar e fazer a sua parte?

As escolas do Complexo da Maré já estão colocando em prática essa lei? Você conhece iniciativas bacanas de ensino da cultura afro-brasileira? Para participar do cumprimento da lei, você pode indagar em sua escola como a história e a cultura negra são incluídas na sala de aula. Caso ainda não tenha sido implementada, que tal levar o assunto para debate em conselhos de pais e mestres? Isso pode contribuir muito para a valorização da cultura negra e a redução do preconceito racial. Faça a sua parte!

Em 2004, o Canal Futura se uniu a parceiros importantes para criar e implementar o projeto **A Cor da Cultura**, que desenvolveu uma metodologia reunindo conteúdo audiovisual e cartilhas educativas para aplicação da Lei 10.639/03 em escolas. Saiba mais e acesse o conteúdo do kit educativo no site do projeto: www.futura.org.br/acordacultura E faça o download dos programas no www.futuratec.org.br

Saiba Mais:

Para saber mais sobre o assunto e se informar sobre como levar esse conteúdo para a escola veja as dicas abaixo:

- **Ministério da Educação:** no site do MEC é possível encontrar indicação de livros e outros materiais didáticos que podem ser utilizados em escolas, notícias sobre a aplicação da lei em escolas em todo o Brasil e a divulgação de projetos relacionados com o tema. Acesse www.mec.gov.br.

- **UNICEF:** através do projeto Plataforma dos Centros Urbanos foram criadas algumas metas municipais e comunitárias para a melhoria das condições de saúde, de estudo e de vida das crianças e adolescentes de todas as cidades brasileiras. Entre estas metas está "Ampliar o número de escolas implantando a Lei nº 10.639/03, que prevê a inclusão da temática de história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares." E este projeto está sendo implementado aí na Maré. www.unicef.org/brazil.

- **CEERT:** o Centro de Estudos e das Relações de Trabalho e Desigualdades tem uma série de publicações sobre a relação entre racismo e educação, alguns programas que são desenvolvidos em escolas para tratar as questões raciais e também uma sessão dedicada à Lei 10.639. www.ceert.org.br.

- **Ação Educativa:** em uma pesquisa denominada "Igualdade das Relações Étnico Raciais na Escola", realizada em 2007, a organização de Belo Horizonte (MG) coletou alguns dados muito valiosos com o intuito de contribuir para o aprimoramento das políticas públicas, dos conteúdos programáticos e das práticas educacionais e do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. www.acaoeducativa.org



o canal que liga você

Piscinão, lona e arraiá

O piscinão da Praia de Ramos foi esvaziado no início de agosto para ser submetido a uma limpeza geral, em preparação para o próximo verão. Além disso, os banheiros do local serão ampliados e as quadras de esportes e lazer, revitalizadas. A reabertura do espaço está prevista para outubro.

O que ainda falta definir é a restauração da Lona Cultural da Praia de Ramos. A Secretaria Municipal de Esportes e Lazer alega ter responsabilidade apenas sobre o piscinão. Para evitar que o espaço entre no seu sexto ano parado, a Secretaria Municipal de Cultura deve assumir o lo-



Elisângela Leite

Lona está parada há cinco anos

cal. “Estamos estudando as opções para restaurar a lona”, afirma Mario Del Rei, subsecretário de Integração e Projetos Especiais da Secretaria de Cultura.

Em tempo: o Arraiá do Piscinão vai até o dia 22 de agosto, sempre às sextas, sábados e domingos a partir das 19h. Na passarela 13 da Av. Brasil. Entrada franca.



Divulgação

Bairro ganhará uma Sala Futura

A Maré terá uma Sala Futura, projeto desenvolvido pelo Canal Futura, que chegará à comunidade por meio de parceria com a Redes da Maré. Com inauguração prevista para o dia 3 de setembro, o espaço estará aberto a creches, escolas, associações e ONGs locais, que queiram usufruir do acervo para a troca de saberes entre jovens, educadores e comunidades. Farão parte da videoteca e da DVDteca programas sobre saúde pública, educação, favela e documentários variados. O objetivo é promover a reflexão a partir de conteúdos pertinentes à realidade local. A Sala Futura terá ainda um computador e um aparelho de TV. Provisoriamente, o espaço ficará abrigado no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaços Populares, na Redes, e, daqui a quatro meses, será instalado em definitivo na Biblioteca da instituição.

Agende uma visita! Informações na Secretaria da Redes: Rua Sargento Silva Nunes, 1012, Nova Holanda. Telefone: 3105-5531

Dança

Procura-se patrocínio

A Cia. Maré em Dança, da Vila Olímpica da Maré, foi convidada para participar da Semana Internacional da Solidariedade, um dos eventos mais importantes do mundo contra o preconceito, que acontece em Paris, na França, entre os dias 9 e 16 de outubro deste ano. Entretanto, a participação dos jovens pode não acontecer, pois o grupo não tem como comprar as passagens de avião, roupas de frio e arcar com a alimentação em Paris. As empresas e instituições que puderem contribuir com este investimento podem procurar Lucia Seixas (tel: 8833-6832), Patrícia Motta (8224-7911) ou Adriana Faria (3977-5788).

11 de Agosto - Dia do Estudante

Com o objetivo de dar um novo significado à data e destacar esses jovens protagonistas do processo educativo, o Futura vai homenagear os estudantes de todo o país

Ao Ponto	Apresentado por Jairo Bauer, o programa reúne uma platéia de adolescentes para discutir temas do universo do jovem. Seg 21h / reprises Ter 13h30 e Dom 18h
Conexão Futura	Faixa de programação interativa com participações de especialistas em educação ao vivo no estúdio e imagens de escolas de todo o Brasil. Seg a Sex de 14h30 às 17h
Jornal Futura	Na semana do estudante, matérias especiais sobre escolas públicas exemplares. Seg a Sex às 17h / reprise às 23h
Tempos de Escola	Personalidades do esporte, da música, da TV e das artes contam histórias de seus tempos de estudantes. qui. 22h30 / reprises sab 16h, seg 16h30 e ter 21h

Assista e use:
Canal 18 UHF - NET canal 32 - SKY canal 8
Polarização Vertical 20
www.futura.org.br



o canal que liga você

Elisângela Leite



Apresentação de break no evento PCP na Rua, na Maré, em 2009

Texto: Rosilene Ricardo

“A sociedade me criou agora manda me matar / Me condenar e morrer na prisão / Virar notícia de televisão / Seria diferente se eu fosse mauricinho/ Criado à sustagem e leite Ninho/ Colégio particular depois faculdade / Não, não é essa minha realidade / Sou caboquinho comum com sangue no olho / Com ódio na veia soldado do morro.” Este rap cantado por MV Bill (“Soldado do Morro”) reflete a realidade de muitos jovens moradores de periferias no mundo. Milhares se identificam com as letras cantadas pelos rappers e têm no hip hop sua referência de identidade.

O hip hop nasceu no início dos anos 1970, influenciado pelas reivindicações do movimento negro. Entre as questões daquela época, que permanecem atuais, estão o papel do negro na sociedade e a valorização de sua cultura. Nascido nos Estados Unidos, o movimento ganhou o mundo – o Brasil, inclusive.

Por onde o hip hop chegou, foi sendo alimentado pelos contornos da realidade do local e ganhando vertentes próprias. Mesmo assim, seja onde for, o hip hop é conhecido pelos seus elementos característicos: o DJ é o músico que usa o toca-discos ou outro aparelho de som como o seu “instrumento”; o MC canta e anima a festa com suas rimas improvisadas; o *breaking* é a dança; e, por fim, os escritores e/ou grafiteiros se manifestam através das pinturas urbanas feitas com spray. Atualmente muitos ainda acrescentam um outro elemento: a consciência. Todos contribuindo para o fortalecimento e para a disseminação das propostas do hip hop.

Hip hop na Maré

Muitas pessoas no Rio de Janeiro, entre elas Tiago Cícero, 17 anos, morador da Vila dos Pinheiros, se interessam por essa cultura. Tiago conta que tinha preconceito com o hip hop, pois via a forma com que as pessoas falavam, cheias de gírias, e não imaginava como seu pensamento poderia mudar. “Depois que entrei nas aulas de grafitti me aprofundi e pude ver que não preciso vestir roupas ou qualquer coisa que me simbolize, preciso ter atitude e me interessar por coisas simples”, explica.

Na Maré, existem vários grupos informais, entre eles o liderado pelo professor de hip hop Douglas Barreto, de 20 anos, que dá aulas no prédio da Tekno, na comunidade do Parque União. “O que mostro para os

Hip Hop é atitude!

Movimento cultural defende estilo de vida simples, atitude e liberdade de expressão

Arquivo pessoal



Grupo Atari Funkerz (Felipe Reis à esquerda)

alunos é que, antes de tudo, o hip hop é um estilo de vida, uma forma de liberdade de expressão”, diz.

Os adeptos da cultura hip hop explicam ainda que o movimento não deve ser confundido com o rap. Em outras palavras, rap não é sinônimo de hip hop. Na verdade, os rappers fazem parte do hip hop, um movimento bem mais amplo. Tanto que a premiação da MTV americana, o *Video Music Awards*, por exemplo, conta com duas categorias distintas: uma para melhor clipe de rap e outra para melhor clipe de hip hop.

Felipe Reis, educador de grafitti da Redes de Desenvolvimento da Maré, observa que hoje em dia o hip hop não é mais tão discriminado, pois a mídia ajudou a desmistificar o estereótipo de que no mundo do hip hop só tem negro, desempregado e pobre. Além disso, essa cultura mexeu até com a indústria, que já cria tintas especializadas para grafiteiros e roupas que ajudam a personificar os mais apaixonados. “Hoje vemos que o hip hop ultrapassou fronteiras e já está tanto na zona sul da cidade como na Baixada Fluminense”, celebra.

Dica: assista ao vídeo “*Master Crews 2009 Stil Contact vs Atari Funkerz*”, no You Tube (www.youtube.com).

Veja imagens de grafittis na pág. 12.

Elisângela Leite

DJ no evento *Meeting of Favela* 2009, em Caxias

Felipe Reis /Arquivo pessoal



Princesinha, de Felipe Reis, no Timbau, 2005

Elisângela Leite



Mulheres grafitteiras no Meeting of Favela 2009

Elisângela Leite



Solidariedade: os artistas se ajudam para pintar

Graffiti aqui e acolá

Escritores e pintores urbanos: grafitteiros espalham sua arte pintando muros com spray

Nesta edição, a seção Espaço Aberto apresenta dois desenhos do educador de graffiti na Maré Felipe Reis, um deles em parceria com Rdoisó; e outras três imagens clicadas no *Meeting of Favela 2009*, evento anual que reúne grafitteiros de várias partes do país, na Vila Operária, em Duque de Caxias, sempre no mês de novembro. Com a autorização dos mora-

dores, os artistas saem pintando os muros e, às vezes, até as paredes do interior das casas, claro, a pedido dos habitantes. O nome é uma brincadeira com o *Meeting of Styles*, evento de rua que reúne grafitteiros em várias partes do mundo. O graffiti é um dos elementos característicos do hip hop (*leia reportagem na pág. 11*).

Elisângela Leite



No Meeting of Favela, os artistas dividem o muro e saem pintando

Felipe Reis /Arquivo pessoal



Este, também de Reis e Rdoisó, é da Nova Holanda, de 2010

Participe desta página! Envie suas fotos, desenhos, grafite, poesia, crônica...

A seção ESPAÇO ABERTO foi criada para que você, leitor do Maré de Notícias, possa mostrar a todos a sua arte: uma fotografia, uma ilustração, uma poesia, uma crônica! O importante é participar! Envie a sua arte para a Redação do Jornal, na Redes da Maré - rua Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda; ou pelo e-mail: comunicacao@redesdamare.org.br